

A BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM UM JORNAL DE PERNAMBUCO

Giovanna de Araújo Leite¹

Resumo

O propósito deste artigo é refletir sobre a banalização e exposição do sofrimento como construção e representação da violência presente num encarte policial de um jornal pernambucano. A perspectiva central é fazer uma reflexão da violência tomando como ponto de partida traços teóricos da pós-modernidade no jornalismo policial na atualidade.

Palavras-chave: Banalização; Pós-modernismo; Violência.

1 Introdução

A violência não é um fenômeno que surgiu recentemente. Ela existe desde os primórdios da humanidade. Recentemente, ela tem ocupado grande espaço na mídia. Segundo Rondelli (2000, p.147),

a violência aparece não só como mero fenômeno da agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação. Não por qualquer decisão consciente de suas vítimas ou praticantes, mas por ser a expressão-limite de conflitos para cuja solução não se pode contar com formas institucionalizadas de negociações políticas ou jurídicas legítimas. [...] o que se expressa é uma determinada forma de cultura política onde a prática da violência tem sido o recurso tradicionalmente usado diante da impossibilidade de se estabelecerem negociações ou consensos sociais mínimos.

Atualmente, a violência mostrada na mídia não só atinge pessoas anônimas da sociedade brasileira, mas também pessoas 'famosas' ou como diria Neto (1991, p.13), os *Olimpianos*, isto é, sujeitos sociais conhecidos e divinizados pela mídia. Assim, pode-se constatar que ricos, pobres, pessoas, indivíduos, famosos, anônimos, todos estão, direta ou indiretamente assustados com a violência atual estampada pela mídia.

Nesse sentido, a mídia brasileira, percebendo o panorama de crimes e mortes, passou, então, a dar visibilidade cada vez maior à violência, construindo,

¹ Giovanna de Araújo Leite – Mestre em Comunicação – Universidade Federal de Pernambuco/UFPE e Professora Assistente do Departamento de Administração de Empresas da Universidade de Pernambuco/UPE – Campus Salgueiro.

assim, ao seu modo, uma nova forma de abordá-la: através da exposição do 'sofrimento alheio', seja em jornais ou revistas, rádio ou televisão e na internet.

Algumas vítimas da violência tornaram-se símbolos midiáticos do sofrimento. Basta tomar o exemplo do assassinato da atriz Daniela Perez; do seqüestro do apresentador de televisão Sílvio Santos; do assassinato do jornalista Tim Lopes; do assassinato da jovem Gabriela, vítima de um tiroteio na estação de um metrô no Rio de Janeiro; da morte da estudante Luciana, atingida por uma bala perdida na Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro/RJ; do homicídio duplo das estudantes Maria Eduarda e Tarsila Gusmão em Serrambi (próximo à região metropolitana do Recife/PE); do seqüestro do Reitor da Universidade de Pernambuco/UPE; enfim, de tantos outros crimes e delitos que ganharam notoriedade na mídia brasileira.

Vale a pena salientar que no dia 14 de setembro de 2003, milhares de pessoas de diversas regiões do Brasil fizeram a 1ª Grande Caminhada pela Paz, um movimento pacífico que ganhou visibilidade na mídia brasileira. Até mesmo a novela das oito, "*Mulheres Apaixonadas*", exibida pela Rede Globo de Televisão, no horário nobre do dia 15 de setembro, mostrou ao som do Hino Nacional Brasileiro, a passeata pela Paz, no Rio de Janeiro, exibindo rostos de 'famosos' e 'anônimos', angustiados com a violência brasileira. Na passeata, houve a participação de atores, atrizes, pessoas anônimas, amigos e familiares de pessoas que perderam entes queridos (vítimas da violência urbana). Participaram, também, pastorais, organizações não governamentais, partidos políticos e entre outros grupos civis organizados, vestindo a camisa: "Por um Brasil sem armas", para demonstrar que a violência atual está atingindo toda sociedade civil.

Em Recife, a família de uma das jovens mortas no crime intitulado pelo jornal *Folha de Pernambuco* como "Caso Maria Eduarda e Tarsila Gusmão" organiza outra passeata, juntamente com o Fórum de Mulheres de Pernambuco, fazendo um abaixo-assinado para encaminhá-lo ao governador do Estado de Pernambuco reivindicando providências para que não haja impunidade no duplo homicídio que abalou a população pernambucana.

Nesse sentido, a mídia entra neste cenário dando visibilidade à violência, principalmente expondo o 'sofrimento alheio' de maneira banalizada. O jornal

impresso *Folha de Pernambuco*, por exemplo, dedica espaço constante a narrativas sensacionalistas e a fotos extremamente fortes.

Este artigo procura visualizar a questão da violência na pós-modernidade, tomando como ponto de partida, notícias policiais de um jornal pernambucano. De imediato, é preciso deixar evidente que o tema aqui abordado parte de um estudo no jornal *Folha de Pernambuco*, que tem se destacado na imprensa pernambucana, na maneira de como abordar a violência no Estado.

Vários tipos de violência são publicados neste jornal: acidentes de trânsito, acidentes no trabalho e criminalidade em todos os seus aspectos (assassinatos, assaltos, tráfico de drogas, lenocínio, latrocínio, contrabando, entre outros). Ao abordar o tema da violência neste artigo, queremos especificar que a notícia policial neste jornal é extraída do espaço urbano e rural.

Sabe-se que o pós-modernismo é um movimento cultural contemporâneo de reação à produção cultural moderna. Conforme Santos (1991, p.13),

falar em pós-modernidade, significa que entre nós e o mundo, estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação do real. Nesse sentido, é no pós – modernismo que os meios de comunicação tornam-se mais visíveis, pois estes adquirem maiores recursos tecnológicos, mais dinamismos e maior poder de simulação do real.

Não queremos defender aqui, que os meios de comunicação exercem um efeito direto e uniforme sobre o público. Nossa pretensão, apenas, se constitui, em fazer um estudo descritivo da violência na pós-modernidade, no jornal *Folha de Pernambuco*, com a finalidade de compreender como a notícia policial expressa a violência. Segundo Hall (1993, p.224-226)

a construção da notícia deve ser vista como um processo de inserção e identificação das ocorrências dentro de um contexto social significativamente compreensível, pois, um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais.

Tomaremos como referência de estudo, o caderno *Polícia*, do jornal supracitado, pois este aborda vários crimes reunidos em um encarte. Portanto, a perspectiva é mostrar como a violência é destacada no jornal através de demonstrações de todo corpo jornalístico policial deste caderno.

Situamos, inicialmente, traços teóricos relativos à disciplina de Comunicação e Cultura e apresentamos a compreensão de Cultura e Estudos Culturais na Pós-Modernidade. No segundo momento, procuramos explicitar o 'sofrimento alheio' e a

violência no jornalismo impresso policial. Enfim, destacamos alguns fatos policiais do encarte *Polícia* do jornal *Folha de Pernambuco*, tentando mostrar a notícia policial como um objeto de estudo inserido numa observação inicial da prática da violência e percebendo como este ato, tem se tornado uma constante no jornalismo policial contemporâneo.

2 Cultura, Estudos Culturais e Pós-Modernidade

O termo “cultura” se apresenta de forma muito generalizada e complexa, considerando inúmeras posições intelectuais sobre o tema. Uma das tarefas mais difíceis para os estudiosos tem sido a reconstrução do conceito de cultura, fragmentada por numerosas reformulações. Segundo Johnson *in* Silva (1999, p.24), não existe solução para a polissemia de significados que o termo comporta: trata-se de uma ilusão racionalista pensar que nós possamos dizer que de agora em diante esse termo significará [...] e esperar que toda uma história de conotações se coloque obedientemente em fila.

Assim, parece-nos pertinente, considerar que o termo “cultura”, devido a sua vasta polissemia, seja pensado e condicionado, segundo os processos históricos que ocorrem na humanidade, e o momento pelo qual a produção cultural se faz presente.

Nesse sentido, observa-se que os Estudos Culturais têm contribuído muito como sinalizadores das novas transformações culturais ocorridas em nossa sociedade, pois, eles tentam clarificar nossas mentes no trabalho científico cotidiano, estabelecendo prioridades para o ensino e para a pesquisa, seja nas versões literárias, sociológicas, históricas, midiáticas, entre outros (Johnson *in* Silva, 1999, p.18). Há, portanto, diversos pontos de partida para se compreender a cultura dentro dos Estudos Culturais.

Tomando os Estudos Culturais segundo a perspectiva acadêmica apresentada na versão midiática, percebe-se que há um movimento cultural ligado aos Estudos Culturais na mídia: o Pós-Modernismo.

Os discursos pós-modernos surgiram nos Estados Unidos e na Europa na década de 70 e se difundiram pelo mundo a partir da década de 80, seja nos meios

acadêmicos, seja no mercado ou na mídia. A disseminação desses discursos fundou novos estilos nas artes e até mesmo no comportamento das pessoas em todo mundo.

Segundo Hall (1997, p.78),

alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global do pós-modernismo, está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo fragmentações de códigos culturais, multiplicidade de estilos, ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente, na diferença e no pluralismo cultural.

Sabe-se que as relações entre Primeiro Mundo e Terceiro Mundo são historicamente assimétricas. No tocante à relação entre América Latina e os países de Primeiro Mundo, muito se tem discutido sobre a influência pós-moderna no Continente Latino. Tem-se evitado considerar a América Latina como um bloco homogêneo e coeso, visto que, ele se constitui um bloco onde a diversidade cultural permeia toda sua história.

Apesar de o pós-modernismo, na América Latina, ter uma ligação com a cultura Norte-Americana, esse movimento cultural é relevante para compreender alguns aspectos culturais Latino-Americanos, pois oferece alternativas para incessante busca de identidade na região (PRYSTHON, 2002, p.79-80).

Como um fenômeno histórico, é no pós-modernismo que nos deparamos com a ausência da antiga fronteira entre a alta cultura e a cultura de massa. É também nele, que surgem novos tipos de textos com formas, categorias e conteúdos da indústria cultural. Para Prysthon (2002, p.87), as imagens tradicionais pelas quais se descrevia a América Latina tanto nos *mass media* como na academia (o “amante latino”, o “bandido”, as comidas picantes, a “preguiça”, os “ditadores do bigode”, o futebol, as “bananas republics”) se não estão desaparecendo, pelo menos, estão sendo examinados à uma luz intensa de historicidade, e com uma concentração maior de informação.

Para Moreiras (2001, p.75),

os Estudos Culturais precisam dar ênfase à singularidade e à heterogeneidade Latino-americana, ao mesmo tempo em que procuram colocá-las no contexto dos acontecimentos globais que ocorrem além das fronteiras geográficas da América Latina. A própria constituição dos estudos culturais Latino-Americanos como uma espécie de regionalismo crítico no contexto global é uma tentativa de pensar a produção da diferença regional como realmente produtivos e não apenas meros subprodutos de um fenômeno global.

Ao mesmo tempo em que os Estudos Culturais na América Latina precisam ter essa concepção, é preciso compreender que vivemos numa sociedade contemporânea onde muitos acontecimentos e transformações estão presentes na constituição do espaço público atual. Como diz Canclini (1990, p.333),

a modernidade (ou pós-modernidade) e seus processos Latino-Americanos estão redimensionando a identidade urbana neste continente a partir de transformações de final de século. A vivência urbana, neste sentido, engloba uma gama de complexidades e entrelaçamentos que vão constituir essa pós-modernidade.

Segundo Jameson (1996, p.28),

como no pós-modernismo há o apagamento entre a alta cultura e a cultura de massa ou comercial, haverá uma tendência em dar ênfase a aspectos culturais desprezados pelo modernismo, como o brega, seriados de tv, Kitsh (manifestações em que elementos inusitados ou populares são considerados de mau gosto pela alta cultura), romances góticos, biografias populares, histórias de mistério e assassinatos, entre outros.

Nesse contexto, tomando-se um aspecto midiático, digno de ser apreciado pelos Estudos Culturais no Brasil, e considerando o contexto social pós-moderno, observa-se a presença marcante de histórias de mistério e assassinatos abordados cotidianamente na mídia brasileira.

A exposição diária de fatos ligados ao crime pela mídia brasileira, é uma espécie de “janela”, por onde se visualiza uma violência construída e representada a partir de valores, identidades, mediações e sentidos. Essa violência emerge aos nossos olhos de forma difusa e desordenada, à qual estão sujeitos especialmente, os habitantes das metrópoles. Muitas vezes, ela é representada na mídia com grande poder e isso não tem sido benéfico para a sociedade atual, pois alimenta o sentimento de impotência para tentar resolvê-la, já que é mostrada pela mídia de maneira fragmentada. Essa fragmentação reforça a idéia de desordem e caos, características, “pós-modernas”.

3 O Sofrimento alheio e a violência no jornalismo impresso policial

As histórias de mistério e assassinatos são abordadas constantemente nos meios de comunicação. Observa-se que nos últimos anos, o conteúdo jornalístico policial tem sido alvo principal do jornal impresso, devido ao aumento da criminalidade no Brasil. Pode-se dizer que este aumento da violência está

demandando, ao mesmo tempo, um intenso debate sobre o excesso da tematização da violência.

De acordo com Oliven (1982, p.23),

basta abrir um jornal ou assistir a um noticiário de televisão para ser bombardeado com informações sobre as mais recentes vítimas de assaltos e crimes. Observa-se que a notícia policial atrai a atenção de milhares de pessoas no mundo contemporâneo, explorando os mínimos detalhes da violência, seja na cidade ou no campo, mostrando a degradação humana em tempos pós-modernos.

É evidente que a violência não é só um problema dos tempos atuais. Desde o início da humanidade, ela já existia. Segundo Odalia (1983, p.18), “o melhor documento sobre a violência é a Bíblia. Ela é um repositório incomum de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa, do estupro ao fratricídio, do crime passionai ao crime político”.

Vale ressaltar, também, que nossos ancestrais, os hominídeos, sobreviveram porque souberam suprir suas debilidades naturais e sua pouca força física, pela inteligência na construção de artefatos de defesa e de ataque.

O próprio cinema abordou o tema, no filme, *2001: Uma Odisséia no Espaço*. Na sequência inicial, os macacos descobrem a utilização de ossos como arma contundente, mortal e vitoriosa. Quando o macaco vitorioso lança para o alto o osso-instrumento de morte, numa linda fusão, este se transforma numa espaçonave gigantesca com a forma de um carrossel. São dois mundos que se interligam, e mesmo se fundem, numa continuidade que tem como elemento de ligação, a violência. (ODALIA, 1983).

Nesse sentido, a violência não é um tema exclusivo das sociedades pós-modernas. Ela está presente em todas as sociedades: da pré-história até os dias de hoje. Acontece, entretanto, que ela alcançou maior destaque a partir do advento dos meios de comunicação, pois estes continuam dando visibilidade constante aos atos violentos que ocorrem em nossa sociedade.

Segundo Santaella (2002, p.53), os meios de comunicação – jornais, revistas, rádio, TV –, além de serem produtores de cultura de uma maneira que lhes é própria, são também os grandes divulgadores das outras formas e gêneros de produção cultural. O jornal como meio de registro, comentário e avaliação dos fatos cotidianos, é um produtor de cultura, mas, ao mesmo tempo, é também um divulgador das formas e gêneros de cultura que são produzidos fora dele, tais como o teatro, dança, cinema, televisão, arte, livros etc. Nesse contexto, a mídia se interliga a todo instante.

Assim, observa-se, cotidianamente, que o jornal impresso tem registrado com muita freqüência fatos advindos da criminalidade e isto tem sido divulgado em novas formas e gêneros diversos. O jornal *Folha de Pernambuco*, por exemplo, produz um encarte especial somente sobre os acontecimentos da criminalidade no Estado denominado: *Polícia*.

A violência exposta no jornal, ou em qualquer veículo de comunicação, não se constitui um espelho fiel da realidade, pois ela é exposta no jornal seguindo a linha editorial a qual se propõe o meio de comunicação. Assim, a violência que se apresenta no jornal é simbólica. Nas palavras de Bordieu (1997, p.22-23),

a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também dos que a exercem, como é o caso das relações de comunicação pela mídia. O autor toma o exemplo das notícias de variedades, ou *fait divers*. Elas consistem numa espécie elementar e rudimentar da informação que interessa a todo mundo. Ao insistir nas variedades, afastam-se as informações pertinentes que o cidadão deveria possuir para exercer seus direitos democráticos. Assim, os jornais cotidianos, por exemplo, oferecendo o extra-cotidiano ou extra-ordinário (incêndios, inundações, assassinatos e variedades), tentam buscar exclusividade e acabam gerando a banalização como instrumento de simulação da realidade.

Segundo Michaud (1989, p.49),

o fato da violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal, cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada. A mídia (jornais, revistas, tv, rádio, internet) precisa de acontecimentos e vive do sensacional. A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio, um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre as violências comuns, banais e instaladas. A massa de informação veiculada pela mídia multiplica as evidências indiretas e parte importante da experiência do mundo passa pelas imagens que nos mostram as coisas como se estivéssemos lá. Tem-se a sensação de uma espécie de transparência dos acontecimentos: tudo se sabe. Ao mesmo tempo, ela é em grande parte ilusória porque se pode manipular a mídia.

Assim, a violência é uma grande aliada da mídia, pois, para atrair a atenção de inúmeras pessoas, a mídia utiliza o sofrimento alheio para dar visibilidade excessiva a fatos que acontecem no mundo da criminalidade.

O sofrimento alheio é exposto todos os dias, seja na televisão, no rádio, nas revistas ou nos jornais, ou na internet, como um espetáculo fragmentado, pós-moderno. Jameson (1996), propõe pensar este pós-modernismo como um sistema que organiza nossas vidas e nossas percepções, podendo nos servir de conhecimento reflexivo do nosso presente histórico, complexo e contraditório.

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

É de se esperar que a nova lógica espacial do simulacro tenha um efeito significativo sobre o que se costumava chamar de tempo histórico. O próprio passado é, assim, modificado: o que antes era, no romance histórico, segundo a definição de Lukács, a genealogia orgânica de um projeto burguês coletivo – ou, para a história oral norte-americana, que visam à ressurreição dos mortos de uma geração anônima e silenciada, a dimensão retrospectiva indispensável para qualquer reorientação vital de nosso futuro – transformou-se, nesse meio tempo, em uma vasta coleção de imagens, em um enorme simulacro fotográfico. O slogan de Guy Debord é ainda mais apropriado para uma sociedade cujo próprio passado é pouco mais do que um conjunto de espetáculos empoeirados. (JAMESON, 1996, p.45-46).

A violência na pós-modernidade no jornalismo impresso policial busca através de fotografias chocantes, banalizar o sofrimento humano, mostrando a “olho nu”, restos humanos despedaçados e sangue em poças ou salpicados nas paredes. Além disso, os textos narrativo-descritivos com teor de mistério e drama constroem o discurso da violência, entre o trágico e o medo. Na pós-modernidade, toda a violência destacada na mídia, visa o esquecimento, o banal, afinal, “amanhã”, pode surgir um novo espetáculo trágico, uma nova morte hedionda que fará com que esqueçamos o que aconteceu “ontem”.

Segundo Sodré (2002, p.98),

a exibição do fato violento, de modo dramático ou não, é uma tentativa, às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no cotidiano. O desastre, a agressão, a monstruosidade teatralizados, discursivamente encenados, funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever àquela representação específica a angústia generalizada em face da “destruição social” sobre a realidade da violência urbana, a mídia exerce a realidade imaginária da ficção passada e presente.

Jameson (1985, p.22) designou de *presentes perpétuos* a contínua exposição de fatos nos meios de comunicação. Informações, mensagens, sons, ruídos e sensações são rapidamente presentificados e substituídos momentaneamente, num encadeamento que possa afirmar no momento, o que é novo – mercadorias, homens ou necessidades – para caírem no esquecimento.

De acordo com Reimão (1983, p.13),

os jornais criam condições para o surgimento e divulgação de narrativas que lidam, trabalham e se articulam sobre os mesmos elementos ou elementos semelhantes aos que são articulados por narrativas de *romance policial* - um relato de mistério, onde se apresenta um enigma criminal, geralmente um assassinato investigado por uma ou mais pessoas.

Entendendo-se que o *romance policial* surgiu por meio da própria notícia policial ou notícias de variedades ou ainda *fait divers*, onde as grandes cidades, as fachadas, as multidões humanas, os labirintos de ruas eram o foco principal dos

acontecimentos trágicos, todo um discurso em prol da cultura da violência começou a pairar cada vez mais nos tempos pós-modernos. O sentimento de insegurança e medo são os produtos da cultura midiática da violência.

O chamado *fait divers* (fato diverso), é uma das atrações principais no jornalismo policial: dramas individuais, via de regra banais, ou crimes raros e aparentemente inexplicáveis são expostos diariamente pela cultura midiática da violência. Conforme Reimão (1983, p.12-13), “abordando sobre o *romance policial*, o desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa”.

Para Costa (2002, p.135),

a compulsão pela novidade informativa e a exploração da curiosidade, do grotesco, acomoda a narrativa dos fatos à determinação da lógica de que tudo deve fluir rapidamente e paradoxalmente de forma repetitiva em diversos canais, meios e circunstâncias. Nesse sentido, pode-se perceber que a violência abordada no jornalismo policial visa tornar banalizada a dor alheia numa sociedade onde a hipermediação do real e super saturação de imagens encontram-se presentes rotineiramente na mídia.

Nas palavras de Sarlo (2000, p.50)

La lista de los casos de violencia urbana es practicamente infinita. Alimenta um sentimento de inseguridad colectiva que se há convertido en una pasión: la pasión del miedo como (des) organizadora de la relación com el espacio público. El cine sólo muestra, en paralelo con el real, este rostro bárbaro de la cultura contemporánea.

Esta lista de casos de violência urbana apontada pelo jornalismo policial constrói uma identidade cultural marcada pelo crime. As narrativas jornalísticas policiais, reforçam a violência, com fotos chocantes de pessoas mortas e dão visibilidade a conflitos, marcadamente sociais, diante da desigualdade social vivida na América Latina, em especial, no Brasil.

Nesse sentido, no próximo tópico deste artigo, mostraremos alguns exemplos da narrativa jornalística policial do jornal *Folha de Pernambuco*, apresentando suas formas de construção e representação da violência no Estado de Pernambuco.

4 O encarte *Polícia* no jornal *Folha de Pernambuco*

Segundo Johnson *in* Silva (1999, p.75), em Estudos Culturais, o “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e

torna disponíveis. O texto é apenas um meio no Estudo Cultural. Trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito, entre outros) podem ser abstraídas. O texto pode fazer parte também de um campo discursivo mais amplo ou ser uma combinação de formas, que ocorrem em outros espaços sociais com alguma regularidade.

É preciso conceber um texto como um objeto sócio-histórico onde o lingüístico intervém como pressuposto, (Orlandi, 1996, p.56). O jornalista que escreve notícias policiais está revestido de uma ideologia da objetividade, buscando retratar em seu trabalho, uma atuação capaz de observar e produzir uma tentativa de retratar o real.

Vale ressaltar que atuar no jornalismo é uma opção ideológica (Marcondes, 1989, p.11) e no caso do jornalismo policial não se torna diferente, pois a notícia, a manchete, a posição da página, são elementos que integram uma decisão consciente dos próprios jornalistas.

Nos últimos anos, o conteúdo jornalístico policial tem sido alvo principal do jornal impresso com frequência, como é o caso do jornal *Folha de Pernambuco*, com o qual pretende-se apresentar aqui algumas amostras de reportagens destacadas no encarte *Polícia*.

Este encarte (de quatro páginas) apresenta um pedaço do real, de onde se abstrai somente o fato específico que originou a notícia. Sua notícia policial é sensacionalista. Os elementos característicos do texto do jornalismo policial expressam uma descrição detalhada do cenário da tragédia, narração das pessoas envolvidas, os comportamentos anti-sociais, indicação da culpa e do castigo a serem aplicados e uso de clichês e expressões técnicas especializadas.

No jornal *Folha de Pernambuco*, desencadeiam-se personagens e fatos os mais diversos relacionados ao mundo do crime e tragédias cotidianamente ocorridas na cidade do Recife, nas cidades satélites à capital e até da zona rural (vide alguns anexos).

Ao inserir o fato policial nas notícias jornalísticas, é necessário compreender que os sujeitos e os objetos das notícias policiais participam do grande processo que se dá entre a violência e sua representação. Michauld (1980, p.8) diz que

de um lado, a violência é totalmente real, de outro aparece unicamente em determinado tipo de representação do campo social. Possui uma

positividade inelutável e ao mesmo tempo, flutua e se metamorfoseia conforme as convicções que a apreendem. Existe a violência e também a *violência da violência*. É uma situação de círculo, pois a violência é a guerra, a tortura, o homicídio, o extermínio. A violência muda de aspecto segundo quem fala por ela, quem a avalia, quem a interpreta e quem a sofre.

Nesse sentido, tomando o exemplo do jornal *Folha de Pernambuco*, o encarte *Polícia* atua como um construtor de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em suas práticas e coibições.

O que se percebe, é que se cria em torno da banalização da violência, um sentimento de insegurança coletiva, onde o jornal constrói um processo de dominação da violência. Esse processo inclui também o sentimento de impotência diante do poder da violência expresso no jornal. Segundo Rondelli (1999, p.147),

os episódios desta violência cotidiana, banal e ordinária não têm inspiração e a explicação secreta e macabra dos *serial killers*, nem a sagacidade, a inteligência ou o poder de convencimento dos personagens de ficção, nem mesmo os ideais, a determinação ou causas por que lutar, como os dos terroristas de qualquer nação ou projeto separatista. São atos que no modo bruto se expressam, com precaríssimas mediações institucionais, revelam não só o isolamento dos setores sociais neles envolvidos, como também a impotência da sociedade em resolver seus conflitos.

Nos encartes, em anexo, selecionamos alguns fatos policiais que se encontram abordados na perspectiva deste artigo.

5 Considerações Finais

O que se constatou, neste artigo, é que a evidência do material exposto no encarte *Polícia*, do jornal *Folha de Pernambuco*, seja através de fotografias ou texto escrito, já se constitui um aspecto cultural, marcado pela reprodução mecânica de fatos violentos construídos e representados ao seu modo.

Percebe-se que no encarte policial, a exposição constante de fotos de cadáveres, de corpos retorcidos e putreficados, exposição de crânios dilacerados, ossos esfacelados, entre outros, constrói a imagem de uma cultura marcada pela banalidade da violência.

A violência é exposta no jornal com características pós-modernas, pois, a efemeridade, a fragmentação, a rápida permanência na cena pública, o teor de mistério e enigma estão presentes nas notícias policiais.

Parece-nos que se evidencia um certo esgotamento de um mundo pós-moderno marcado pelo convívio tenso entre o dramático e o trágico no espetáculo contemporâneo da violência, em que esta assume a importância de um processo de

dominação e não simplesmente um conjunto de atos brutais (ALMEIDA *in* RONDELLI, 2000, p.103).

6. Referências

- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. México D.F: Grijalbo, 1990.
- COSTA, B. C. Guimarães da. **Estética da violência**: jornalismo e produção de sentidos. Campinas, SP: UNIMEP, 2002.
- HALL, Stuart. [et al.]. A produção social das notícias: o mugging nos media. **In**: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Lisboa: Veja, 1993.
- _____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. (Trad.) Vinícius Dantas. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, n.12, jun./1985.
- _____. **Pós-modernismo, ou a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? **In**: SILVA, T.TADEU da (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MARCONDES, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- MOREIRAS, A. **A exaustão da diferença**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MICHAUD, Yves. **A violência**. (Trad.). L.Garcia. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Violência y política**. Barcelona: Ediciones Ruedo Ibérico, 1980.
- ODALIA, Nilo. **O que é violência**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- OLIVEN, R.G.; BOSCHI, R.R (org). **Violência e idade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMUNICOLOGIA

Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília
ISSN 1981-2132

- PRYSTHON, A. *América Latina e Pós-Modernidade. As Idéias em Trânsito* **In: Cosmopolitismos periféricos. Ensaios sobre a modernidade, pós-modernidade e estudos culturais na América Latina**. Recife: Bagaço/PPGCOM-UFPE, 2002.
- REIMÃO, S.L. **O que é romance policial**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RONDELLI, E. e outros. **Linguagens de violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANTAELLA, L. Cultura midiática. **In: Adami; Balochi; Cardoso; Droguett (org.) Mídia, cultura, comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- SARLO, B. **Tiempo presente: notas sobre el cambio de uma cultura**. Buenos Aires: Argentina S.A, 2002.
- SODRÉ, M. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

JORNAIS

- ANDRADE, J. Final de semana violento na RMR. **Folha de Pernambuco**, Recife, 12 maio, 2003, Polícia, p.1.
- OLIVEIRA, D. Mulher é encontrada amordaçada, amarrada e estrangulada em Afogados. **Folha de Pernambuco**, Recife, 23 junho, 2003, Polícia, p.1.
- OLIVEIRA, W. Criança é torturada por vizinho. **Folha de Pernambuco**, Recife, 11 junho, 2003, Polícia, p.1.
- PESSOA, F. Golpes de facão acabam com vida. **Folha de Pernambuco**, Recife, 10 junho, 2003, Polícia, p.1.